

Sessenta e um anos

Ao dobrarmos o cabo do milénio, o futuro surge-nos simultaneamente: «das tormentas» e da «boa Esperança». Assim chamaram, antes e depois, àquele promontório que, vencido, deu ao mundo de então novos horizontes. Quantos outros, incomparavelmente mais largos, abriu o progresso do conhecimento adquirido e das técnicas elaboradas pelos homens ao longo destes séculos! Mas tais progressos não varreram definitivamente as tormentas da face da Terra — que os homens parecem ter a sanha diabólica de as multiplicar e atrasam a boa Esperança da Paz universal antecipada pelo Profeta e figurada na convivência tranquila do cordeiro com o lobo, do leopardo e o cabrito, do menino brincando com a serpente que não o morde...

Ao inserir-Se na História dos homens, Jesus Cristo, Príncipe da Paz, vem para pôr termo à Esperança anunciada pelo Profeta, porque o objecto d'Ele é Ele e Ele já está no meio de nós. Quem O procura, quem O segue, encontrará a Paz de que Ele é o princípio.

Mas as tormentas persistem, porque persiste a surdez dos homens, conforme fala o Senhor, outra vez pelo Profeta: «Ovi, ó Céus e tu, ó Terra, escuta. Criei filhos e fi-os cresci, mas eles revoltaram-se contra Mim. O boi conhece o seu dono e o jumento o estábulo do seu possuidor; mas Israel nada conhece, o Meu povo nada compreende».

E como persistem as tormentas, o tempo permanece de Esperança.

Jesus Cristo, que já veio e está, continua a ser a Esperança dos homens enquanto O não possuem perfeitamente. Mas quem O procura e segue os Seus princípios — «a Justiça será o cinto dos seus rins» — vai a caminho da posse do Príncipe da Paz e já fruindo dela. Felizes estes que não fundam a felicidade no bem-estar do homem sobre a Terra (apesar da melhoria admirável de condições para o bem-estar) e sabem discernir a causa das tormentas da Fonte da Esperança e não se perdem d'Esta no agitado mar daquelas. Felizes os que reconhecem Quem os criou e fez crescer e O reconhecem em todas as metas a que chegam, das quais também Ele é o Senhor.

O orgulho permanece o escolho a vencer — o cabo das tormentas a dobrar — para que os homens, de coração purificado, alcancem a suprema felicidade de ver Deus.

Nesta viragem do tempo completam-se 61 anos que Pai Américo instituiu a Obra da Rua e a sediou na primeira

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

O Presépio...

NUNCA me canso de olhar o Presépio procurando em toda aquela simplicidade descortinar algo do mistério nele contido. Quando Francisco de Assis e os seus confrades introduziram o presépio no mundo do seu tempo, creio que estavam a ter a intuição das verdades escondidas que conduzem o coração humano ao essencial do encontro do homem com Deus.

O presépio está povoado de pessoas com caminhadas de vida silenciosa e, no entanto, tão rica para a nossa própria caminhada. Estas pessoas revelam-se nesta simplicidade. Enchem o nosso coração e o nosso sonho de paz, de harmonia, de encontro com Deus, com os outros e com a natureza.

Maria apresenta-nos a disponibilidade diante de Deus e do seu projecto de Salvação. Também ela sente a dúvida:

Aniversário

A nossa Casa faz anos, no dia 7 de Janeiro. Não fazem anos as pedras, obviamente, mas as pessoas que durante estes sessenta e um anos nela viveram, cresceram, moldaram e ofereceram as suas vidas: os Rapazes, Senhoras e Padres. E, porque não?, os nossos Amigos também! Esse grupo grande, que embora não habitando fisicamente nela, a tem presente em seu coração com profundo afecto.

A festa é, portanto, dos vivos. E vivos são todos aqueles que tornaram e tornam possível a sua missão, que a actualizam.

Não podemos, este ano com redobrada saudade, deixar de recordar o nosso Padre Horácio que, durante quase cinquenta anos, tornou possível e nobre a sua missão através da sua vida totalmente entregue até ao fim. E, porque definitivamente está na Vida Plena, nele encontramos um pa-



A primeira casa do Gaiato, em Miranda do Corvo.

FINALMENTE posso dizer que a nossa Capela já está coberta. Esta semana, os operários da África do Sul que estiveram a acomodar a palha, vão embora. Não foi um trabalho fácil nem barato. Foram aplicados quase quarenta toneladas de capim em feixes, na cobertura. Tudo o que ficou à vista, por dentro, foi, como o linho, passado num «ripeiro» para largar a folha, ficando apenas o caule. Todo o interior da enorme cúpula é de um tom

Moçambique

amarelo doirado, a contrastar com o esmalte brilhante e vermelho da estrutura. Por fora nem tanto, mas onde dá o sol tem a mesma tonalidade, enquanto este e a chuva não a apagam.

Por dentro, vamos começar para o ano os acabamentos. Entretanto, só a plantação de ornamentais no prolongamento natural das

«Como será isso possível!» Mas, logo de seguida, é capaz de dizer o «Eis a Serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a Sua vontade». Assume todo o processo de uma vida comprometida com Deus, com o seu Filho e com os Homens.

Em S. José e na sua presença junto do Menino, sentimos a proximidade da nossa vida hesitante que, nos sonhos da noite, tem vontade de tudo abandonar; mas em que, o pegar nos sobressaltos do dia-a-dia, é um compromisso assumido na esperança de uma abertura aos caminhos de Deus. Como que nos anuncia que Deus Se revela mais à frente e que no turbilhão dos nossos pensamentos não somos capazes de O ver.

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

trono, um amigo, um pai desta Casa.

Outros irmãos que partiram, não há muito, junto de Deus, fazem o mesmo. Como não recordar o nosso Diamantino, rapaz que partiu na flor da idade... O nosso Abílio, depois de grande purificação pelo sofrimento... E outros que não podemos esquecer, como o senhor Fausto Branco, grande Amigo da nossa Casa e dos Pobres destas redondezas. E, tantos outros que não tivemos o privilégio de conhecer.

Dia 7 de Janeiro é dia de festa e de acção de graças. Festa de vivos, porque quem ama os Pobres glorifica o Deus de Jesus Cristo, vivo neles. É festa das crianças e jovens que aqui chegaram em momentos dramáticos das suas vidas encontrando uma família. Festa das pessoas que nela trabalham, não regateando tempo e generosidade para além do que é justo. Festa a que se associam, anonimamente, muitos dos nossos Amigos que diariamente recordamos em nossas orações.

É festa de todos nós e, por isso, damos graças ao Senhor a Quem tudo devemos. Damos graças e suplicamos, porque assim Ele mesmo nos ordena: o dom da vocação para os Pobres. Que apareçam mulheres-mães. A Igreja-Mãe não pode deixar de as gerar. Como é? Estamos em Ano Jubilar!

Suplicamos, enfim, que os nossos, chamados à missão de chefes, sejam dignos servidores dos seus irmãos. Tanto as nossas Casas dependem da sua acção e do seu serviço transparente e humilde! Nenhum de nós poderá fazer mais e melhor na acção directa. Que o aniversário seja uma chuva de bênçãos do Céu sob olhar materno de Maria.

Padre João

enormes pedras, colhidas à volta da Casa, o vitral de Cristo na Cruz, centro de uma grande tela que no conjunto figura a Anunciação Redentora, uma catequese cheia de colorido, do Mistério do amor de Deus pelos homens que encarna em nós.

Já tem sido e será muitas vezes, naquele lugar, motivação para olhar para a fé de quem a pintou e ofereceu, bem como os vitrais. O mesmo que nos doou a planta da Capela e aqui passou agora quase uma semana acompanhando a sua instalação. O arquitecto João Araújo que faz da sua arte uma manifestação da sua fé profunda e um dom gratuito da abundância do seu trabalho. Quis enobrecer aquilo que na génese seria uma Capela para abrigar do sol quem ali quisesse contemplar a Deus na natureza e acolher, para sobre eles difundir os Seus dons, os filhos muito queridos que nos confiou.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

TECTO PARA OS SEM-TECTO — Na véspera de Natal tratámos d'abrigo para uma doente cardíaca, que o bavia implorado:

— *Se puder ser, dêem-me a casita que está perto daquela onde eu e os meus irmãos nascemos e crescemos...*

Curiosamente está vaga, há poucos dias. De facto, ela crescerá ali, frente à casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala — legenda que exprime a religiosa intenção dos seus doadores.

No caminho revelámos ao nosso companheiro a estranheza de, meio século depois, o grito e a acção de Pai Américo permanecerem ainda com tanta acutilância, apesar do pico de construções na última década!

Entregámos a chave à nova utente da casa do Pessoal do Círculo de Saúde de Manica e Sofala. Como tantas outras, fora colocada religiosamente nas mãos de Pai Américo em nossa viagem a África em 1952, cuja bandeira, à luz da Boa Nova, foi a carência de tectos para os Pobres.

No caso vertente, a nova utente sofria, agora, mais necessidades (económicas e de saúde): Renda mensal, dezoito contos; alimentação, remédios, contos d'água e luz... Auferia um pequenino salário, e ora está com baixa...

Neste momento está feliz, em sua casa, onde passou a Festa de Nascimento do Menino Deus. Que Ele dê, à doente, alguns anos mais para gozar o calor dum lareira do Património dos Pobres.

● Na medida do possível, continuamos a realizar obras de conservação e beneficiação em 15 moradias do Património dos Pobres, de Paço de Sousa — quais primícias do movi-

mento que *abanou* muitos cristãos e homens de boa vontade na década de 50.

Investimos nelas, periodicamente, centenas de contos, tanto em aumentos d'área ocupacional, como na implantação de quartos de banho com *polivans*, construção de fossas (por ausência de redes de saneamento público), etc. etc.

PARTILHA — Do Porto: O assinante 58051 lê «*sempre O GAIATO, saboreando-o, e agradece os momentos de reflexão que me proporciona*»; presente com cinco mil, «*para suprir uma das muitas carências mais prementes dos vossos Pobres*». Dez mil, idem, da assinante 7769. Outra vez idem, dum companheiro da extinta Escola Mouzinho da Silveira. Ainda do Porto, valioso cheque da assinante 33275 para «*ajuda de medicamentos para doentes idosos. Eu também sou idosa...!*» Mais Porto: Vicentina, da Paróquia de Paranhos, assinante 62842, cinco mil. Mais um cheque, volumoso, da assinante 17282, também da Capital do Norte.

Dois presenças de Lisboa: Remessa habitual da assinante 31104; e vinte mil, do assinante 27177, «*para que os Pobres que protejam possam ter, neste Natal, uma Consoada menos pobre e com mais amor e carinho*». Mensagem quase idêntica a outros peregrinos da *procissão*.

Coimbra: A assinante 68632 com «*um remanescente para o Pobre mais necessitado neste momento*». Eles são tantos! Mais cinco mil, do assinante 71773, motivado pel'O GAIATO de 2/12.

Agora, de todo o mundo: Um cheque do assinante 29430, de Molelos. Outro, da assinante 63138, de Vila Nova de Gaia. Vale de correio, da assinante 27145, de Faro. Dez mil, da assinante 12319, de Penafiel. «*Pequena migalha para o doente mais necessitado*», da assinante 57002, de Senhora da Hora. Seis mil, da assinante 45024 — Ferrel. Remanescente de contos, da assinante 42037, de Carcavelos. Vinte mil, do assinante 39967 de Mosteiró.

Trinta mil, da Cova da Piedade, assinante 18909 «*para se melhorar a consoada dum família protegida pela Conferência*». Luso, assinante 53241 com «*lembranças de Natal*». Rio Tinto, assinante 69009, com «*pequena oferta*». Alvide, assinante 27044 com um cheque. Outro, da assinante 18348, da Guarda: «*Após deduzirem a minha assinatura, com o resto, possam acudir a alguém necessitado*». Mais um remanescente, do assinante 27527, de Viseu. Dez mil, da assinante 51930, de Espinho. Idem, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, sublinhando que a oferta seja aplicada «*segundo o vosso critério*». Mais um acréscimo, do assinante 63290, de Rio Tinto. Trinta mil, «*para os Pobres apoiados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*», de Quinchães (Fafe). Monte Estoril: Cheque da assinante 43689, lembrando familiares. S. Domingos (Sardoal), cinco mil: «*Quem está dentro do convento é que sabe onde faz mais falta*» — disse. O dobro, da assinante 32925, da Guarda. Ainda mais «*um resto*», da assinante 6205, de Goães (Vila Verde). «*Pequena contribuição*» da assinante 67403, de Cacém. Dez mil, da família do nosso Licínio, residente em França.

Retribuímos os votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FESTAS — No dia 17 de Dezembro fizemos uma grande festa, com o apoio de um grupo de Zebreiros (Gondomar).

Eles fizeram uns números; nós, outros.

No fim tivemos uma grande merenda!

Obrigado amigos de Gondomar.

PRODUTOS ALIMENTARES — Temos recebido muitos, graças às pessoas que nos visitam.

É material que a gente come todos os dias. Somos, aqui, mais de cento e cinquenta bocas!

PADRE CUSTÓDIO — Temos tido, por cá, o nosso Padre Custódio, de Moçambique. Gostamos muito dele. Mas não tardará a regressar a África.

«Melão»

SETÚBAL

TEMPORAL — Tivemos um grande azar com o temporal de 7 de Dezembro porque ficámos dois dias sem luz. Foi muito chato por causa das vacas que começaram a berrar quando chegou a hora da ordenha. Elas estavam a sofrer porque cheias de leite e os vaqueiros tiveram de as ordenhar à

mão, uma por uma. Como à noite continuávamos sem corrente, o Fernandinho teve que ordenhar outra vez à mão as trinta e cinco vacas leiteiras, com a ajuda de alguns rapazes e à luz de lanternas. A electricidade só veio no outro dia, às oito e tal da noite. A malta estava muito preocupada porque não havia luz. As vacas estavam com pouca sorte! E nós também porque ficámos sem água e tivemos de carregar água do poço para lavar tudo o que é preciso, e fomos às *Águas* buscar a água para bebermos e para cozinhar. Quando a luz chegou, estávamos no refeitório a comer o jantar e fizemos uma grande berraria, a gritar e a bater palmas todos contentes. O nosso Padre Acílio também ficou contente e até deu uma corrida com as mãos no ar. Apagámos as velas, o resto da ordenha já foi feito com as máquinas e voltámos a ter água do nosso furo.

Carlos Nascimento,
Nuno Lagarto,
José Jarreta e Filipe André

CASA DA PRAIA — Estivemos a fazer grandes obras na Casa da Arrábida, a substituir a canalização porque já era muito antiga e tinha muitas fugas de água nas paredes. Também fizemos um balneário para o pessoal tomar banho quando vem da praia ou do campo de futebol. Agora, ainda faltam arranjar os canos de esgoto. Estas obras é que vão ser mais difíceis porque vai ser preciso partir paredes desde o andar de cima, meter canos novos e, depois, deixar tudo bem arranjado e bonito outra vez. Nós gostamos muito da nossa Casa da Arrábida e também gostamos de lá passar as férias.

VIAGEM — O nosso Padre Acílio foi a Moçambique e esteve a passar uma semana na Casa do Gaiato, de lá. Antes de ir, esteve a preparar as coisas que ia levar e que eram precisas porque houve lá muitos estragos. Também levou uns quadros para ajudar a pôr a Capela mais bonita. O Padre Júlio, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, é que ficou connosco por conta do nosso Padre Acílio, mas os rapazes portaram-se bem. Quando o nosso Padre Acílio chegou, cá a Casa, estava muito contente com a gente porque tinha saudades do pessoal e nós também gostámos.

Filipe André

VISITA — No dia 5 de Dezembro tivemos uma visita muito especial. Foi o Luís Aleluia que apareceu de surpresa, a fazer de *pai natal*, e ofereceu prendas aos gaiatos mais novos, quando iam a sair da Escola. Ele tinha de fazer uma entrevista para o programa *Jet Set*, da RTP, e escolheu ser aqui filmado porque também já foi gaiato desta Casa. Depois, ainda foram filmar para as oficinas para continuarem a entrevista, a recordar velhos tempos. Ele é muito nosso amigo e vem todos os anos visitar a malta e dá sempre uma ajuda à Casa. O pessoal gosta muito do *Tonecas*. Ele faz rir muito a malta porque faz lembrar a gente, na Escola. É como se ele ainda fosse gaiato, como nós.

Alexandre M. Rodrigues,
José Jarreta e Filipe André

PRESEPIO — Este ano não ficou grande para não ocupar tanto espaço, mas está bonito, como o costume. Primeiro, fomos apanhar musgo. Depois, pusemos umas tábuas e uns barotes e começámos a montá-lo. Metemos muitas figuras, pastores e rebanhos; fizemos umas estradas, um largo e uma fonte; pusemos um castelo de papelão no cimo da montanha e metemos as luzes. Uma luz faz de fogueira e tem *bonecos*, à volta, a aquecerem-se. A gruta com o Menino Jesus, S. José e Nossa Senhora ficou espectacular, com palha, a vaca, o burro e um grande foco amarelo lá dentro, a dar luz. Montámos tudo num dia. A malta das oficinas e dos empregos quando chegaram, à noite, ficaram admirados com o nosso Presépio.

José Jarreta
e Filipe André

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

FESTAS — Vai terminar mais um ano e não queremos deixar passar o evento sem desejarmos a todos os colegas e suas famílias; às restantes Associações de Antigos Gaiatos; aos inúmeros Amigos que nos têm ajudado de várias maneiras; aos residentes nas Casas do Gaiato; e ainda aos muitos Amigos da Obra da Rua, santas festas de Natal e um ano 2001 o melhor possível.

LUTO — Um tanto surpreendentemente, apesar de ter sido submetido a uma delicada operação, há meses, faleceu no passado dia 12 do corrente, a Hermínia, esposa do nosso vice-presidente da Direcção, José Clemente (Pinguinho). Esposa e mãe dedicada; mulher de trabalho, sempre pronta a ajudar-nos quando lhe pedíamos colaboração; sempre animada e com boa disposição, deixa-nos muitas saudades. Estivemos presentes no último adeus. A toda a família, em especial a sua mãe, marido e filhos, não queremos deixar de renovar os mais sentidos pêsames. Ao Zé pedimos coragem nesta hora difícil para enfrentar o restante da vida e para a Hermínia que descanse em paz.

Manuel dos Santos Machado

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Participámos em duas, num fim-de-semana, 16 e 17 de Dezembro, com danças e teatros. Daqui a uns meses virão outras que iremos realizar à semelhança dos anos passados.

OBRIGAÇÕES — Os «Batatinhas» continuam a apanhar as folhas que o vento deita no chão. É um quadro muito lindo e encantador.

GADO — Temos matado muitos porcos para a nossa ali-

mentação. Também veio um, que o senhor das Chãs (Leiria) todos os anos nos oferece pelo Natal. As galinhas e os patos continuam a crescer.

AVES — Temos uma gaiola nova. É muito grande! Parece igual às do Jardim Zoológico. Tem periquitos, faisões, papagaios, *bic-laques* e outros. Quem olha por eles é o Plácido que os trata com muito carinho.

NATAL — Está muito próximo! O *pai-natal* está quase a pôr as prendinhas na chaminé. Temos algumas prendas para oferecer aos nossos rapazes. Também queremos dar uma prenda a Jesus: as boas notas escolares, o nosso bom comportamento, e o nosso empenho no trabalho. Teremos a primeira Comunhão de alguns rapazes que o Padre Francisco tem andado a preparar.

OBRAS — Acabámos as do quarto que seria para o nosso Padre Horácio. Também temos uma nova salinha das senhoras muito bonita e quentinha, com aquecimento central.

Hugo Vieira

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos em tempo de Advento. Tempo de espera. Espera que o Senhor venha! Mas será que o Senhor não veio já? Será que Ele não está no meio de nós? Decerto que sim. Ele está à nossa frente, ao nosso lado, enfim, em tudo e em todos. Ele está no nosso irmão que morre abandonado nas bilheteiras de um estádio! No intervalo das montras dos estabelecimentos comerciais, onde tantos dormem por não terem quem os acolha.

Em tempos, havia quem os recolhece e levasse para a chamada Casa dos Pobres. Será que isso era mau? Será melhor assim? Não tinham lá uma cama limpa para se deitarem? Não tinham lá um prato de sopa quente?

O certo é que, hoje, em nome da chamada liberdade, assistimos a estes espetáculos horrendos para os nossos olhos.

Nestes nossos irmãos está Cristo, o Senhor Deus. Vemos neles o abandono a que botamos o Pai do Céu.

Hoje os valores humanos e espirituais perdem, cada vez mais, em favor do materialismo para que estamos cada vez mais voltados.

O tempo que estamos a atravessar, deveria ser um tempo de preparação para receber Aquele que projectou a Sua personalidade no Infinito, através do acto de liberdade que fez, dando-se na Cruz por todos nós. Infelizmente, este tempo é cada vez mais materializado. É o Pobre, mais esquecido.

É por isso que, hoje, as esmolas que damos, furam a mão ao Pobre e caem. Furam a terra, atravessam o firmamento e comprometem o Universo.

Esquecer o Pobre é o mesmo que esquecer Deus. Neste esquecer, está também a falta

RETALHOS DE VIDA

Hugo



O meu nome é Hugo Alexandre da Conceição dos Santos e sou aqui conhecido por «Russo». Nasci em Marvila (Santarém), a 18 de Novembro de 1987.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque os meus pais faleceram. Um tio meu tomou conta de nós. Ele batia-me muito por ser alcoólico e não ter trabalho certo.

Ainda tenho mais uma irmã e um irmão.

Agora, nesta Casa de que tanto gosto, e é muito bonita, trato do gado na parte da manhã e, à tarde, vou para a Escola.

Quando for grande gostaria de aprender a cozer pão e ser um bom padeiro.

Hugo Santos

SETÚBAL

A Família

NESTE tempo de Natal somos conduzidos, quase por instinto, às fontes da Vida — a Família.

Ela é o único e exclusivo princípio, de onde, segundo o plano de Deus, deve proceder a vida humana. Não só a raiz legítima, mas também a única equilibrada. O Homem Perfeito — Jesus de Nazaré nasceu exactamente de uma Família, embora gerado de forma diferente de qualquer mortal. Nela cresceu em idade, sabedoria e graça.

Pouca gente tem a percepção exacta desta natural instituição, de forma tão clara como quem vive numa Casa do Gaiato onde acolhemos os que não tiveram uma família.

Como é importante para o equilíbrio da pessoa humana o suporte natural!...

As dificuldades dos pequeninos, dos adolescentes, dos jovens e até dos adultos radicam muito na ausência da estrutura familiar.

Como a planta busca a luz, assim o homem, em qualquer fase da vida, procura a família.

Para os nossos, desejamos tanto a família equilibrada como um cego anseia pela luz. Daí que tudo façamos para sermos uma família e vivermos a seu modo.

Depois da saída da Casa, os nossos rapazes mantêm, com raras excepções, uma ligação forte à Obra que os apoiou em seu crescimento. É a natureza a falar!

Os rapazes, noutra lugar, falam da alegria exuberante que lhes provocou a presença do actor Luís Aleluia, o menino *Tonecas*.

Veio aqui para contar, em gravação, a todo o Portugal, as suas raízes, no cenário exacto onde elas se desenvolveram e encontrou a sua vocação de actor. Mas, sentimo-lo, reviver também o tempo feliz que aqui passou. Alegro-me muito por ele ser o actor que é, e ter atingido um nível artístico que o impõe no meio da sua especialidade. Mas exulto mais por ele ser um homem. Os seus gestos e a dignidade dos seus papéis em cena, fugindo sempre à rasteirice boçal de tantos outros, forçam-me a levantar as mãos em acção de graças a Deus! Bendito seja Deus que alimentou aquela sementezinha pequenina da dignidade humana e a preservou da corrupção em meio tão prevertido. Bendito seja Deus!...

Há muitos Natais que o Luís não nos esquece e reparte generosamente os seus ganhos com os gaiatos e os Pobres. Bendito seja Deus!

Lê O GAIATO atentamente e comenta-o com devoção.

Há tempos, pedi-me para ir benzer a sua loja. No local encontrei muitas pessoas do seu meio e perguntei-lhe timidamente: — Queres que eu faça a oração nalgum espaço mais particular?... Não vejo esta gente a rezar!

Sessenta e um anos

Continuação da página 1

Casa do Gaiato. Virada para as tormentas que os homens multiplicam por não ser «a Justiça o cinto dos seus rins», por tantos não viverem conforme aos princípios do Príncipe da Paz, a Obra tem sido neste mundo uma lufada de Esperança porque assente na certeza de que a promessa messiânica foi cumprida e Aquele que era esperado já veio e está no meio de nós.

A Fé de Pai Américo dá-lhe posse desta certeza e o seu agir não tem outro motor que não seja ela. Daí a sua audácia no afrontar das tormentas. Ele sabe que os caminhos de Deus estão tão acima dos dos homens quanto os Céus distam da Terra — e é por eles que segue. Os caminhos que aos homens parecem inseguros foram para ele, homem da certeza, os únicos que vale a pena trilhar. Por isso a Obra da Rua, mais do que tudo quanto é e faz, tornou-se argumento desta certeza, para alimento da Esperança dos que ainda não tiveram a graça de a alcançar. É por isso que é tão amada. Os simples, os humildes, os ansiosos por um coração puro, que sabem ser a condição de ver a Deus, manifestam apaixonadamente esta predilecção. O tempo de Natal é ocasião de exuberância destas manifestações; mas sempre nos esmaga e nos conforta esta confiança do povo que não quer ser surdo como o Israel de quem Deus se queixava; quer conhecer e seguir o seu Senhor.

Que Ele nos faça dignos, sempre, desta confiança e nos fortifique neste serviço da Esperança que é a Obra da Rua.

Padre Carlos

de respeito, quando se permite uma bicha e se distribui a sopa numa lata!

Já Pai Américo escreveu: «Nunca se deveria ter obrigado os irmãos a entrarem na bichadas-sopas, de lata na mão, à espera da sua vez. Antes se deveria dar ao seio de cada família o necessário para a sopa ser feita em família, comida em família, agradecida em família. O espectáculo das Sopas derranca a Família e está contra o ensinamento do Mestre que manda dar sempre, de forma que a esquerda não veja o que a direita faz».

Por isso, Pai Américo quis Conferências Vicentinas nas Casas do Gaiato, para que o irmão pobre não tenha que passar pela vergonha de vir para a rua estender a mão à caridade.

É pelo respeito ao Pobre que deixamos os nossos lares e vamos até eles para sabermos dos seus problemas, das suas necessidades e, na medida do possível, satisfazê-las.

Mais uma vez, este ano, estamos com dificuldades para o Natal deles. Na última reunião foi-nos dito para termos cuidado, porque as finanças estavam más. No entanto, temos confiança n'Aquele que tudo sabe e tudo atende a seu tempo.

As nossas visitas não têm sido muito frequentes, mas as neces-

sárias para irmos ao encontro dos que mais precisam.

A doente que anda a fazer hemodiálise, conforme o tempo vai passando, cada vez se vai sumindo mais. Os seus bracitos são só ossos e cheios de negras das injeções. Os enfermeiros já dizem que não sabem onde lhas aplicar. Ela continua com os problemas dos seus filhos. O mais velho não trabalha e não sai de casa. O mais novo, que tinha casado há pouco, deixou a mulher e voltou para casa. Além disso, as filhas também não saem de lá, com as netas. Isto tudo, numa habitação sem o mínimo de condições. Ela vê-se aflita para sustentar aquela gente toda.

A mãe do deficiente continua sem poder trabalhar. Não só por falta de saúde, mas também pelo filho que agora está quase sempre em casa.

No casal idoso continuam os problemas de sempre e parece não terem fim. Agora, a filha deixou o lar e foi embora com os netos mais novos. Os rapazes que estão com eles não trabalham e estão a explorá-los. Com eles têm também um velhinho que entretanto cegou, e não quer ir para outro lado, nem para a família dele. A senhora lá lhe vai fazendo a sopita, à noite, porque de dia ele vai para um centro de dia. Nós temos andado a ver se uma

das netas, a mais velha, consegue ir para a Faculdade. Para já, está a acabar o 12.º ano e já tirou a carta de condução. Este casal de idosos tem-nos dado muito trabalho e dores de cabeça. Cada vez que lá vamos, regressamos sempre com o coração apertado. Apece-nos desabafar como Pai Américo: «Ele há horas na nossa vida que nos fazem roçar o desânimo. Horas tristes e sombrias, de céu pardo, em que nos apetece deixar correr o marfim e irmo-nos. São horas de desalento provocadas pelos nossos pecados. Logo depois nos vem a calma necessária para aceitarmos a dor e irmos por aí fora, sempre tristes mas nunca desanimados. Sim, a gente não desanima porque tem a mão do Mestre, sábia e poderosa, que se alguma vez se esconde é para depois nos aparecer mais quente e mais pertinente».

Que o Senhor venha e desça aos nossos corações, enchendo-os de amor para com os irmãos pobres que necessitam cada vez mais de nós.

O Senhor Deus dê aos nossos leitores um santo Natal cheio de Amor e de Paz.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Respondeu-me pronta e resolutamente: — Todos lá têm um bocadinho de fé. E rezámos todos juntos. Apanhei uma lição de pastoral.

Recebemos o João Aníbal pequenino. Por não ter sido bem acompanhado nos primeiros anos, falava com deficiência. Naquele tempo não havia terapeutas da fala. Por isso, os rapazes alcunharam-no de *Senhoia Pchoia*. Assim se dirigiu ele um dia à senhora professora. Escreveu-me uma carta que eu não comento, mas deixo o leitor à vontade para meditar:

«Chaves, 00-12-05

Padre Acílio

Estava eu a almoçar quando a minha filha Ana Maria me entregou o correio (O GAIATO) e eis-me a ler a sua crónica intitulada Santiago; fiquei revoltado, não com a história da mãe e do padrasto mas com o comportamento das altas estâncias do Estado, Tribunal de Família e Menores de Lisboa. Perguntam se se batia com um pau, se se dava jejum a pão e água, francamente, como este mundo está cheio de hipocrisia, e ainda por cima a uma criança. Se servir de algo (julgo que não), gostaria de lhe dar o meu apoio moral a tudo o que fizera, faça e há-de fazer a todos os rapazes que tem a seu encargo.

Agora gostaria de lhe contar um pouco do retalho da minha vida.

No dia 28/09/89 foi-me diagnosticada uma leucemia mielóide crónica. Davam-me dois meses de vida, mas como já pedia ajuda a Deus, todos os dias, hoje e ao fim de onze anos, ainda estou vivo e com vontade de viver outros onze anos. Todos os dias falo com Ele, por isso, e julgo que por isso e não só, Ele dá-me Força para eu seguir o meu caminho com fé e segurança nos trilhos da vida.

Eu gosto de viver os momentos da vida, passo a passo, e não andar aos pulos por tudo o que é piso escorregadio. Eu sou um felizado porque vejo, ando e em especial vivo com uma família que me quer e não me deixa desanimar nunca.

P.S. — Estou reformado desde 1991. Como a minha esposa é de Chaves, eu rumei para o Norte e para fugir ao ambiente poluído da cidade de Lisboa.»

Em cartão anexo continua:

«Eu João Aníbal Martins Moreira, minha esposa Maria Otília e os meus filhos Ricardo Jorge, 19 anos; Ana Maria, 18 anos; Pedro Ivo, 11 anos; e Liliana Sofia, 7 anos, desejamos um Bom Natal e um Feliz Ano Novo, com tudo o que é de bom, para si e para os seus filhos da Obra da Rua».

O Padre Américo terminaria assim: — Ora eis!...

Padre Acílio

1 de Janeiro de 1941

UM de Janeiro de 2001. São decorridos sessenta anos em que tu, Pai Américo, incrustaste o Cristo crucificado na pequena sala «nobre» do Lar do Ex-Pupilo de Coimbra, uma pequena moradia numa travessa na Cumeada, ao lado da GNR.

Foi na Sua presença que deste a bênção ao Lar e aos seus primeiros habitantes, que estavam acompanhados de um conviva, o Professor Beleza dos Santos, Juiz do Tribunal de Menores, que também emprestou dignidade ao acto, por muito humano. Por isso, querido Pai Américo, eis a forma como memorizo a data e o facto em tua honra:

A saudade impõe a memória
A memória impõe a saudade
Assim se liga à tua glória
A minha distante mocidade.

A Obra da Rua é tua
Mas a tua é Obra de Deus
Para que o mundo conclua
Aqui lembro o seu jubileu.

A tua Obra, Obra de Deus,
É muito humana e terrena
Maravilhosa realidade sem véus
Com vida normal e serena.

Recupera o garoto da rua
Dá-lhe trabalho e educação, ámen
Livra-o do farrapo e da míngua
Fazendo-o um homem de bem.

Protegida a sua infância
Educa a sua mocidade
São os factores de relevância
Do homem útil à sociedade.

É assim a Obra da Rua
Casa de família, Casa de Gaiatos
Casa livre sem gazua
Cada qual responsável pelos seus actos.

Teu filho, Alberto

Visita a Maputo

DEPOIS de ter passado quatro meses em Angola, em Novembro voltei para a nossa Casa do Gaiato de Maputo. Foi muito bonito o reencontro com o Padre José Maria, a Irmã Quitéria, os rapazes e outras pessoas que colaboram em nossa Casa.

Cheguei num período de muita agitação. Os rapazes estavam nas provas finais e exames anuais. O Padre José Maria e a Irmã Quitéria corriam de um lado para o outro com muitas ocupações relacionadas com os acabamentos da cobertura da Capela, o fim do ano escolar, a programação das férias dos rapazes, o encerramento das creches, a construção das casas melhoradas para as vítimas das cheias... e muitas outras actividades. O trabalho naquela Casa é coisa que nunca faltou!

Durante o tempo que ali

passsei, notei que muita coisa tinha mudado. Os rapazes cresceram tanto em tamanho como em maturidade e responsabilidade. As celebrações litúrgicas são mais vivas e com maior participação. Passei um dia de oração e reflexão com um grupo que se preparava para receber a primeira Comunhão e fiquei impressionado com o esforço que fazem em crescer na fé e na experiência de Deus em sua vida.

Na Eucaristia, presidida pelo Padre Acílio, senti que era bem visível no rosto de cada um quando cantavam e dançavam com muita alegria. O canto e a dança manifestam a fé e a alegria que vivem na Casa. Durante o ofertório trouxeram um pouco do fruto do trabalho diário. O resultado do trabalho do campo, da pecuária, da carpintaria e da mecânica. Senti que ofereciam não só tudo isto, mas tam-

bém o coração e a vida — ofereciam tudo o que eles são e tudo o que têm. Queira Deus que ninguém lhes tire aquela alegria que li no seu rosto durante a celebração.

Passei uma semana com um grupo, na colónia de férias em Bilene. Uma experiência bonita. Uma semana de descanso. Visitámos a aldeia onde nasci. Celebrámos com os meus familiares. E tivemos um dia de convívio entre duas famílias — a Casa do Gaiato e os meus pais.

Agora, vou recomeçar a minha caminhada para conhecer a Obra da Rua. No dia 6 de Dezembro vou para Portugal conhecer as nossas Casas do Gaiato.

Muito obrigado à de Maputo, que me acolheu com o mesmo calor e amizade de sempre durante este tempo que estive em Moçambique.

Padre Custódio

Benguela

Injustiça Social

OS Pobres, que o são em verdade, contentam-se com pouco. É da experiência de todos os dias. Podemos fazer o mundo mais feliz, se quisermos. Basta que cada um partilhe com os outros o pouco ou muito que tem. Que o faça com amor.

A história da viúva pobre do Evangelho e dos ricos que deitavam esmolas no tesouro do templo tem uma mensagem muito rica. Ela explica muito bem porque há situações sociais injustas, estruturadas, mantidas, apesar das muitas esmolas. A viúva deu tudo o que podia dar. Por isso, a sua vida mudou. Deu do que lhe fazia falta. Deu com o coração. A vida dela mudou e ajudou a mudar a vida dos outros. Ao contrário, continua a história, os ricos deram o que lhes sobrava, do supérfluo, do que não lhes fazia falta. Suas vidas não mudaram. Continuaram na mesma. Não deram com o coração. Faltou-lhes compreensão.

A injustiça social é um problema de recta distribuição dos bens materiais. Antes de mais, porém, é um problema do coração e da cabeça, naturalmente. Se não mudar o coração, com o significado mais rico e profundo que tem a palavra, e não mudar a mentalidade no que toca ao valor e ao destino universal dos bens, o fosso da injustiça social vai crescer escandalosamente. Se não houver um coração justo e pobre que não ponha a segurança absoluta nos bens, contra tudo e contra todos, ou à margem de tudo e dos outros, não haverá justiça social.

A justiça social está instalada de forma gritante e avança assustadoramente em Angola. Ao lado das multidões famintas, a tentar sobreviver e a rastejar de forma humilhante pelos caminhos da sua terra riquíssima, floresce uma classe que tudo tem. Não há dúvida que a guerra paralisa e destrói. Mas a pequena parte da sociedade civil, detentora das grandes riquezas exploradas, não tem dado tanto quanto devia dar para aliviar as populações do jugo pesado que as oprime.

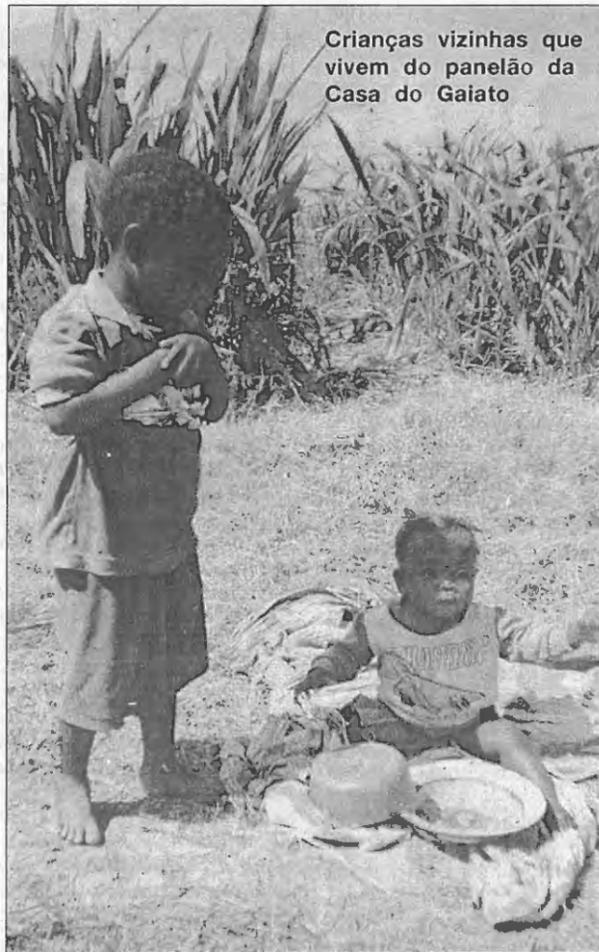
Queremos caminhar com o povo de Angola. Levantamos o nosso coração para dar as mãos aos caídos e ajudá-los a caminhar. Estendemos as nossas mãos a centenas de pais e mães de família para que possam ter os filhos consigo e não os vejam a mendigar pelas ruas. Abrimos-lhes a porta da Escola para virem a ser construtores da Angola nova. As penitências estão cheias e sempre à espera de mais. Não pode ser! É preciso estancar esta corrente de desgraça. Estamos dispostos a ajudar.

Uma grande certeza enche-nos a cabeça e o coração: Vale a pena continuar a lutar, bem metidos nesta trincheira da paz. Queremos levar esta verdade a todos os que nos acompanham de mãos dadas.

PENSAMENTO

O que os pastores ouviram dos anjos e o que eu prego nas igrejas é tudo a mesma Palavra!

PAI AMÉRICO



Crianças vizinhas que vivem do panelão da Casa do Gaiato

Entrámos no Advento. Tempo de Esperança, de gozo, de conversão, de mudança, de abertura. Na Palavra e nestes tempos fortes vamos buscar a vida de que precisamos para dar sentido à nossa. Já começámos a ver e ouvir mensagens das lojas e dos supermercados de Luanda a anunciar bons cabazes de Natal. A maior parte da população não tem televisão para ver e ouvir estas coisas. Ainda bem! Gostava de ter uma lembrança pequenina para dar aos filhos desta nossa Casa e aos outros que vivem à nossa volta. Não dêis todas as coisas aos teus filhos. Ajuda-os a pensar e a dar também aos Outros.

As crianças em Angola

NATAL! Quando estas notas saírem à rua a festa já passou. À hora em que escrevo, falta uma semana.

Há dias, peguei n'O GAIATO e comecei a ler um pedaço do cantinho Doutrina, de Pai Américo: «Ainda magoado de tudo quanto observara, topo uma criança estendida junto da soleira dos Congregados. É pleno dia. O formigueiro humano passa. Alguns entram e saem a porta do templo. Como podem conhecer o Deus invisível das Igrejas se não vêem Jesus pequenino prostrado com fome, à entrada da porta!? Levanto a criança...» E diz mais. Fiquei comovido.

Há dias, também ouvi a notícia da real situação das crianças em Angola, pela boca do representante da UNI-

CEF: Morrem cerca de mil crianças por dia, por falta de comida, de cuidados de saúde... É uma verdadeira tragédia. A guerra continua a semear a morte, o luto e a dor. As crianças são as vítimas principais. Mas nunca podemos cruzar os braços enquanto tivermos vida. Elas são um apelo forte a todos os corações de carne que sentem e vibram de desgosto perante a situação desumana, injusta e criminosa em que vivem. Não é mais possível adormecer a consciência pelo facto de se realizarem algumas festas de Natal na retaguarda. A alegria experimentada pelo contágio com as crianças felizes torna mais agudo o desejo de ver todas as crianças alegres. Quem dera! Por isso, a festa do Natal deve ser um forte clamor do Amor ferido gravemente nas crianças de Angola e noutros lugares da terra.

Francisco de Assis, muito ligado à tradição do presépio, gritava pelas ruas da cidade, como um louco: «O Amor não é amado, o Amor não é amado!» Apetece-me também dizer, ao contemplar «Um Menino nasceu para nós, um Menino nos foi dado», o Amor não é amado nos meninos e meninas que morrem de fome de pão, de remédios, de carinho, de afecto. Não chega. Tenho de fazer alguma coisa e fazê-lo com devoção. Na noite de Natal vou tentar encontrar-me com todos os meninos de Angola. Vou dizer aos meus, da Casa do Gaiato, que façam o mesmo. No Menino Deus vejo as crianças do Bié, Huambo, Huíla, Namibe, Cunene, Kuanza-Kubango, Moxico, Lunda Sul e Lunda Norte, Malanje, Uíje, Zaire, Bengo, Luanda, Kuanza Norte e Sul, Benguela e Cabinda. Angola inteira está presente. Quem dera fizesse o mesmo aos teus filhos. A festa de Natal seria mais rica de valor humano e espiritual. Teus filhos sairiam da concha em que andam guardados e pôr-se-iam em contacto com os filhos do Mundo inteiro, em particular com aqueles que não sabem ainda o que é ser criança com dignidade. Os filhos quando são educados num ambiente fraterno, vêm a ser mestres dos seus pais.

Trago comigo, em lugar muito nobre, a fotografia duma criança que se privou, por sua própria iniciativa, de muitas coisas legítimas para uma criança. Não quis para si o que fazia falta aos outros, quando já tinha o necessário. Seus pais estavam admirados com o comportamento de seu filho e aprendiam com ele a repartir.

Queixamo-nos do mundo injusto, apesar de tantas maravilhas ao serviço das pessoas. Quem prepara o futuro? São os pais com os filhos. Os pais vão-se, apagam-se e ficam os filhos com a sementeira que neles fizeram. É preciso não perder o sentido da raiz. Quantas injustiças cometidas quando se perde o sentido da raiz! Levo comigo esta preocupação quando ajudo a caminhar estes filhos. Que não lhes falte o necessário, que a outra parte não lhes pertence. É trabalho custoso educar para a fraternidade. Mas é altamente rendível na construção dum mundo novo. Temos à nossa porta milhares de crianças a quem vamos ajudar. Não temos brinquedos nem rebuçados para lhes dar. Desta vez, os nossos mais pequenos não vão receber porque não temos. Para os de fora, que vivem com sua família, estamos a preparar, nesta hora, o cabaz com leite, açúcar, farinha, óleo alimentar, feijão e peixe seco. O cabaz dos supermercados, badalados nas horas de grande audiência, na televisão e na rádio, são diferentes. Mas não têm tanto sabor. Se perguntarmos aos Pobres o que mais querem, é isso mesmo que lhes damos. Ainda bem que a maioria da população não vê televisão. Alegrei-vos connosco porque estais presentes. Como podemos dar, se não nos dais também? Santo Natal para vós e vossos filhos. Obrigado!

Padre Manuel António

É o final do ano; e final do milénio...

Dois mil anos em que a Boa Nova de Jesus Cristo foi proclamada ao Norte e ao Sul, ao Nascente e ao Poente. Em que foi dito aos homens que todos somos irmãos e que Aquele que nos criou não nos abandona, mas sempre nos espera...

Ainda não mostrámos na nossa vida que sabemos que é assim; ainda não somos capazes de tudo crer, tudo esperar e tudo sofrer para amar como Ele fez.

A visita aos Pobres, como Jesus profetizou, continua a ser um imperativo para todo aquele que O segue. E nós vamos, chamados por Ele, conduzidos e instruídos pela Sua presença e palavra; enquanto há Luz, é preciso que as trevas não se espalhem, e que a massa não fique sem ser fermentada e temperada pelo sal da Verdade.

O Senhor não tinha uma pedra onde recostar a cabeça; no entanto, nada Lhe faltou. Tantos Pobres sem a pedra onde possam formar a família, onde nasçam e cresçam seus filhos,

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Duas famílias

onde se centre a vida de todos com dignidade. E, ainda, tudo lhes falta...

Tantos mergulhados no álcool; tantos prisioneiros da doença; tantos escravos dos males que resultam do desrespeito do homem e da mulher por si próprios!

A Luz não se apagará jamais! Mesmo que nós, responsáveis no transporte do facho da fé, a deixemos empalidecer, a fechemos dentro de quatro paredes ou lhe tiremos a vitalidade nestes corpos mais dados ao descanso que ao trabalho.

FOMOS visitar aquela família de quem já aqui falámos, que era marido e mulher e agora já são três; o rebento nasceu, e veio encontrar sua casa já com janelas e portas e casa-de-banho, mas ainda pingando pequenas gotas de água da

chuva que furam a placa que serve de tecto à casa.

O casal sonha em levantar, no futuro, um andar sobre a placa. Nós concordamos e apoiamos esse sonho. É que a casa só tem um quarto para o casal e uma sala/cozinha e a casa-de-banho agora em conclusão. Não vamos pôr a carroça à frente dos bois! Vamos, com eles, fazer uma cobertura que, protegendo-os da chuva, não os impeça de querer crescer em harmonia com as necessidades futuras.

OUTRA família: A mãe, ainda nova, estava deitada num sofá pois dera uma queda de um escadote enquanto ajudava à poda das videiras; o homem, famoso pelo mau comportamento em consequência do álcool, foi quem nos recebeu; os filhos, sempre em casa, jovens adolescentes

impedidos de estudar por falta de meios, e de trabalhar por falta de idade.

A renda da casa, cujo custo não chegaria para encher um depósito de combustível de um automóvel, está com meio ano de atraso. A casa, de construção antiga e rural, embora meta água, ainda não tirou o brio àquela mãe que a tem com muito asseio.

Fomos falando, se não haveria um terreno onde construíssem uma casa à sua medida. Que sim, que acalentara essa ideia, mas que os fiscais nem um pequeno anexo deixaram construir a um seu familiar, para lá meterem um porco e algumas galinhas.

Veio assim o desânimo. Desistiram. E, nesta prostração, a esperança vai morrendo, e dominando a incapacidade.

Soprámos a torcida que ainda fumeja. Há vida para ser vivida, pela frente. Vamos acendendo a luz nas trevas. Agora, é a hora de o fazer. Chegará a hora em que ninguém poderá trabalhar...

Padre Júlio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Finalmente, há o Menino. Apetece pegar n'Ele ao colo. Colocá-lo perto do coração. Deixar-se aquecer por Ele para sentirmos que não vamos sós nas estradas da vida. Deus veio ao nosso encontro e caminha connosco.

Podíamos continuar ainda com a tradição, olhando para as figuras dos animais aí colocados, e é todo um apelo à paz que deveria existir entre o homem e a natureza.

Os pastores apresentam-nos o caminho para chegar a perceber aquilo que é invisível: Falam-nos da simplicidade do coração.

Há dias, alguém me dizia que tinha retirado o presépio de casa: só o pinheiro e uns outros enfeites... Senti muita pena com o dito. Senti que estava a expulsar de casa a possibilidade de um encontro com Deus ao contemplar o presépio. Senti igualmente que nos falta tempo para estarmos diante desta realidade que nos quer falar e não queremos escutar. Senti também que a família precisa de voltar ao presépio e todos os seus membros darem-se tempo para contemplar os diferentes percursos que cada um é capaz de fazer. Que o presépio seja o centro da família, nesta quadra que atravessamos!

P.S. — Um muito obrigado a todos os que quiseram estar connosco com os seus mimos, com os seus encorajamentos e palavras de estímulo, mas também, assim o esperamos, com a sua oração.

Padre Manuel Cristóvão